Uma alteração do conceito de identidade em função de experiências de

alteração da identidade na cultura brasileira

*Gregório J. Pereira de Queiroz*

Os conceitos de identidade da pessoa humana utilizados nos estudos sobre a alteração de identidade nos ritos umbandistas trazem embutidos pressupostos que dificultam ou impedem abordar adequadamente o processo de incorporação que ocorre nos ritos. O presente trabalho pretende trazer outro delineamento conceitual da identidade da pessoa humana, presente em outra cultura e com outra abordagem sobre identidade, como base à investigação da incorporação umbandista.

Estudos a respeito de como alguns povos nativos do Brasil apresentam como esses povos constroem e experimentam suas identidades, enquanto pessoas humanas, de maneira bastante distinta da tradição da psicologia eurocêntrica. Algumas diferenças significativas dessa construção serão confrontadas com os postulados convencionados pela psicologia.

A questão investigada pode ser postulada do seguinte modo: o ser humano tem obrigatoriamente uma identidade de caráter unitário, cuja ruptura ou alteração danifica sua natureza, ou esta seria apenas uma formulação particular para a identidade humana, restrita a certa cultura (circunstancialmente a ‘nossa’ cultura, na qual são escritos os trabalhos acadêmicos sobre identidade humana), havendo outras possibilidades igualmente válidas, saudáveis e humanamente satisfatórias para a experiência identitária? E, mais, dentre essas outras possibilidades, alguma aponta para uma estruturação da identidade cuja marca central é a mobilidade natural e o deslizamento entre aspectos da identidade mais do que sua rigidez e refratariedade perante o intercâmbio com o outro, com o meio e com as alternativas presentes em si própria?

Esta questão é importante por um motivo específico e outro bastante mais geral. O específico diz respeito ao que se encontra nos ritos umbandistas, nos quais as pessoas passam por alterações de identidade significativas, sem que isso lhe seja prejudicial ou espantoso. Por qual razão continuar a aplicar um conceito de identidade ao que se vive nesse ambiente, quando de modo evidente o conceito de identidade vigente nas correntes principais da psicologia não dá conta de descrever ou explicar o fenômeno encontrado? O motivo geral decorre do específico e é sua aplicação abrangente: se há outras formas de se pensar e experimentar a identidade, porque exclui-las dos estudos e das proposições feitas pela psicologia para a experiência humana? Por que ainda reduzir a visão da psicologia sobre as possibilidades humanas àquelas arraigadas num tempo e cultura específicos, impedindo que pessoas distantes (não apenas geograficamente) desse tempo e cultura vivam suas experiências fora dessa cama de Procusto?

Embora o reconhecimento de outras formulações para a identidade e outras experiências possíveis à identidade humana se estenda, aos poucos, para além da visão primeira da psicologia acadêmica, a comparação entre essas formulações e, mais ainda, a aplicação das outras formulações a vivências humanas fora do contexto inicial das formulações outras ainda não foi tentada. Exemplificando: o perspectivismo proposto por Viveiros de Castro, e concebido a partir da experiência e noção de identidade de culturas indígenas do Brasil, talvez possa ser aplicado com total propriedade a situações vividas em centros urbanos, nos quais se esperaria que o comportamento das pessoas fosse regido pelos pressupostos da organização identitária postulados pela psicologia eurocêntrica. Essa aplicação é o que pretende o presente trabalho.

Entendo que a principal contribuição do escrito é propor visões sobre a organização identitária que permitam outros caminhos para a compreensão de fenômenos vividos amiúde por pessoas no Brasil, os quais são entendidos com dificuldade quando se aplicam os conceitos eurocêntricos de identidade, em geral distorcendo o fenômeno encontrado e adulterando aspectos do fenômeno para que estes se encaixem nas expectativas de uma teoria, a qual talvez não seja aplicável às situações encontradas, como no caso das incorporações umbandistas.

O objetivo do trabalho é apresentar um conceito de identidade que faça mais sentido perante certos fenômenos, não por ser caminho mais fácil para explica-los, mas por ser conceito que distorça minimamente o fenômeno observado e experimentado.

A presente abordagem parte do trabalho desenvolvido na dissertação de mestrado, no qual apresento o conceito de deslizamento entre identidades enquanto alternativa válida para o até então aparentemente universal conceito de dissociação da identidade para quando ocorrem processos de possessão e incorporação. Parte também das considerações do psicólogo Danilo Guimarães, sobre a identidade como vista pelos indígenas brasileiros, a qual, em síntese aponta para o fato de que “o self seria, então, o espaço para a vida de ‘todo mundo’” (2017, p. 267). E, por fim, parte do que foi postulado pelo antropólogo Viveiros de Castro, que descreve a mudança de perspectiva como característica do pensamento indígena em tribos da região central e norte do Brasil, à qual ele chamou de perspectivismo. Dentro desta visão, as noções de ‘eu’ e ‘outro’ não são estáveis nem têm fronteiras fixas e definidas, como na concepção ocidental. O ponto inicial para essa reflexão foi a

concepção indígena segundo a qual o modo como os seres humanos veem os animais e outras subjetividades que povoam o universo – deuses, espíritos, mortos, habitantes de outros níveis cósmicos, plantas, fenômenos meteorológicos, acidentes geográficos, objetos e artefatos – é profundamente diferente do modo como esses seres veem os humanos e se veem a si mesmos. (2017, p. 303-04)

 Assim, os principais conceitos para a presente abordagem se referem todos a uma mudança de perspectiva da identidade, na qual esta não se define como um centro único, estável e unitário. No conceito de deslizamento temos diversos núcleos identitários cujas forças organizadoras são distendidas pela presença da música no rito umbandista, permitindo que ocorra com mais facilidade o deslizamento de um núcleo identitário para outro, sem ruptura nem descontinuidade no comportamento ou na percepção durante esse trânsito. No conceito de perspectivismo temos a definição da identidade conforme a posição da pessoa no campo de forças de sua vida. Ao ocupar diferentes perspectivas, em diferentes momentos e diferentes posições no campo de forças, a pessoa transita de uma identidade para outra, de um papel para outro, de um nome para outro, inclusive.

Estes dois conceitos nasceram em situações de estudo bastante diferentes: tribos indígenas e terreiros de umbanda. Até onde sei, os dois conceitos não se aproximaram e nem foram cogitados serem pensados justapostos, muito menos entrelaçados, e capazes de fortalecerem uma nova formulação para a identidade do sujeito brasileiro.

 A ligação entre tais conceitos – talvez tênue demais, talvez não – pode ser a presença de entidades supostamente incorporadas na umbanda, denominadas Caboclos e Caboclas, os quais seriam, segundo a doutrina umbandista, entes que foram indígenas, em geral em território brasileiro, em suas vidas pregressas e que agora, enquanto espíritos incorpóreos, são incorporados pelos adeptos umbandistas em seus ritos, para ajudarem as pessoas. Não obstante esta ligação tênue, talvez seres incorpóreos sejam mesmo necessários quando se pretende aproximar conceitos que relativizam, sutilizam e dissolvem o velho monobloco estável do padrão conceitual de identidade.